

Vídeo / Performance / Documentário Coreográfico
12, 13 de julho 2013

Débords Réflexions sur *La Table Verte*

Transbordar Reflexões sobre *A mesa verde*
de Olga de Soto

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

Conceito, direção, dramaturgia, documentação, câmara e som Olga de Soto **Com** Fabian Barba, Alessandro Bernardeschi, Edith Christoph, Hanna Hedman, Mauro Paccagnella, Enora Rivière e Olga de Soto **Realização vídeo** Olga de Soto **Montagem vídeo** Julien Contreau e Olga de Soto **Música** Frederic Rzewski *The People united will never be defeated*, Variação nº1, John Cage *Sonatas nº1 e nº5* para piano preparado **Criação de luzes** Philippe Gladioux **Criação sonora** Mathieu Farnarier **Operação de vídeo** Benjamin Dandoy e Olga de Soto **Conceito cenográfico** Olga de Soto e Shizuka Hariu **Cenografia** Shizuka Hariu/SHSH **Figurinos** Dorothée Catry **Coordenação técnica** Daniel Huard **Assistente de pesquisa documental** Karin Verbruggen **Com testemunhos de** Marina Grut, Ann Hutchinson Guest, Christian Holder, Joan Turner Jara, Nora Salvo, Jeanne Brabants, Michèle Nadal, Hanns Stein, Andras Uthoff, Edith del Campo, Philip Lansdale, Juan Allende-Blin, Toer van Schayk, Fernando García, Bruno Jacquin, Jacqueline Challet-Haas, Gerd Zacher, Jeanette Vondersaar e Françoise Dupuy **Produção** Niels e Caravan Production **Coprodução** Joint Adventures/Tanzwerkstatt Europa (Munique), Les Halles (Bruxelas), Culturgest (Lisboa), Festival d'Automne à Paris, Les Spectacles vivants – Centre Pompidou (Paris), Tanzquartier Wien (Viena), Centre Chorégraphique National de Montpellier Languedoc-Roussillon (CCNM) no quadro de Jardin d'Europe – com apoio da União Europeia, Open Latitudes (Les Halles, Bruxelas, Latitudes Contemporaines, Lille, Le Manège de Mons/Maison Folie, Mons, Cialo Umysl Foundation, Varsovia, Teatro delle Moire, Milão, Sin Arts and Culture Centre, Budapeste, Le Phénix Scène nationale de Valenciennes, Valenciennes, l'Arsenic, Lausanne **Com apoio de** Tanzfonds Erbe, uma iniciativa da Fundação Federal Cultural Alemã, Fédération Wallonie-Bruxelles e Archives Jooss – Deutsches Tanzarchiv Köln (Colónia/Amsterdão) **Com apoio adicional de** Centre de Développement Chorégraphique d'Uzès, Théâtre de la Place de Liège e Wallonie-Bruxelles International **Este projeto beneficiou de bolsas de investigação de** Ministère français de la Culture et de la Communication e Ministère de la Fédération Wallonie-Bruxelles – Secteur danse, para a realização do trabalho de pesquisa documental **Um projeto** Tanzfonds Erbe **Uma iniciativa da** Fundação Federal Cultural Alemã **Com apoio de** Fédération Wallonie-Bruxelles, Archives Jooss (Colónia/Amsterdão), Deutsches Tanzarchiv Köln, Centre de développement chorégraphique d'Uzès e Wallonie-Bruxelles International **Tradução das legendas dos filmes** Joana Frazão

Olga de Soto é uma artista convencionalizada pela Communauté Française Wallonie-Bruxelles. Este projeto foi realizado durante a sua residência artística, nos últimos três anos, nas Halles, em Bruxelas. Está em residência administrativa na Raffinerie – Charleroi/Danses, Centre Chorégraphique de la Fédération Wallonie-Bruxelles. Espetáculo nomeado para o Prémio da Crítica 2013, da Associação de Críticos de Teatro e Dança da Bélgica Francófona, na categoria de melhor espetáculo de dança da temporada 2012-2013.

Sex 12, sáb 13 de julho

21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração: 1h50 · M12



O trabalho de Olga de Soto pode ser considerado precursor de um movimento de investigação e criação que se debruça sobre a História da Dança do século XX e que aí encontra as suas fontes. Nas suas criações, a coreógrafa sonda os temas da memória e do rasto. As suas criações oscilam entre o estudo da memória percetiva e a pesquisa documental – ligada à História da Dança – e o estudo e teste da memória corporal.

Depois da criação de *histoire(s)*, obra que tem como ponto de partida *Le Jeune Homme et la Mort* – bailado legendário de Roland Petit, estreado em 1946 no Théâtre des Champs Elysées, em Paris – e paralelamente ao seu trabalho sobre

a memória corporal concretizado no espetáculo *INCORPorer ce qui reste ici et dans mon cœur* (2004-2009), Olga de Soto decide debruçar-se sobre *La Table Verte (A mesa verde)*, obra mítica do coreógrafo alemão Kurt Jooss, estreada em 3 de julho de 1932 no mesmo teatro parisiense.

Obra essencial da História da Dança, espetáculo célebre pela sua mensagem sociopolítica e anti belicista e pela tomada de posição do seu autor em relação às leis anti semitas postas em prática por Hitler desde a sua chegada ao poder em 1933. Este bailado em oito quadros para dezasseis bailarinos, inspirado numa dança macabra da Idade Média, é considerado uma das

obras mais empenhadas politicamente da História da Dança do século XX; espetáculo emblemático pelos temas que aborda, a ascensão do fascismo e a guerra, marcado pelo clima agitado do período que precedeu a Segunda Guerra Mundial e, em qualquer caso, “visionário” face à realidade sombria da época.

O projeto da coreógrafa divide-se em duas partes e desenvolve-se numa dimensão temporal que procura abarcar o tempo que nos separa do ano da criação de *A mesa verde*. Em *Une Introduction* – primeira parte do projeto – estreada em 2010 no Festival Tanz Im August, em Berlim, e apresentada depois em diversas cidades e diversas línguas (foi apresentada na Culturgest em novembro de 2011), Olga de Soto tomava a palavra para partilhar com o público o seu longo trabalho de investigação e de documentação. Traçava uma linha entre o passado e o “porvir”. Depois prosseguiu a sua investigação para dar forma a *Débords – Réflexions sur La Table Verte* – a segunda parte do seu projeto. Mas, diferentemente do trabalho desenvolvido em *histoire(s)*, em que se dedicou principalmente à pesquisa e recolha de testemunhos de espectadores que assistiram à estreia do bailado, em *Débords* recolheu as marcas deixadas por *A mesa verde* tanto em pessoas que viram o espetáculo em diferentes momentos e em diferentes países como nos bailarinos que o interpretaram e transmitiram. Procurou bailarinos que trabalharam diretamente com Jooss e pôs em paralelo o olhar de bailarinos de diferentes gerações. Prosseguiu o seu trabalho de documentação e pesquisa

de testemunhos guiada pelos temas que continuam a ser a sua principal motivação: as questões abordadas no espetáculo de Kurt Jooss, a mensagem política da obra e o engajamento do seu autor, a presença da personagem da Morte, assim como as questões ligadas à evolução e transformação da memória através do tempo, à perceção da obra nos diferentes contextos de receção, à sua transmissão e à sua perenidade para lá do desaparecimento do seu autor.

Hoje, e depois de um périplo que se estendeu da Bélgica ao Chile, passando pela França, Alemanha, Inglaterra e Holanda, cede o palco a seis intérpretes que se inspiram nos diversos testemunhos filmados, respigados ao longo do tempo.

Em *Débords – Réflexions sur La Table Verte*, Olga de Soto e a sua equipa pesquisam a forma como as marcas deixadas se refletem nos testemunhos dos entrevistados – as marcas deixadas pela obra e pelas múltiplas condições e contextos de receção, em espectadores e em bailarinos de diferentes gerações que a interpretaram e transmitiram ao longo dos anos. A coreógrafa aborda o impacto inicial da obra, escava no tempo, desloca-se, procura, pesquisa, remexe, questiona. Palavras, mas também corpos e olhares que revelam a carga que a obra transporta e o seu efeito surpreendente ainda hoje sobre os intérpretes...

Como estabelecer um diálogo com o material transmitido por essas pessoas filmadas, os seus testemunhos, as suas palavras, mas também com o que os seus olhares e os seus corpos nos dizem?

Como interpretar a carga que esta

obra transporta consigo? De que forma foram física e emocionalmente marcados os bailarinos e os espectadores entrevistados, os seus corpos e as suas presenças?

Como encarar uma obra que marcou de forma surpreendente os intérpretes de outra época? Pode-se reviver uma obra sem a reproduzir, reativar ou reinterpretar?

Ser transportadores, passadores, pontes, recetáculos destas memórias... transportá-las, recebê-las, sustentá-las, deslocá-las... andar à sua volta e no seu interior... Criar espaços, superfícies para dar a ver, viajar...

O grupo de seis bailarinos desempenha um papel de acompanhador no espetáculo, transporta, aprofunda e desloca as imagens e os sons, ao mesmo tempo que se torna recetáculo de seis personagens principais de peça original, três personagens femininas e três personagens masculinas. O grupo movimenta o dispositivo cénico e fá-lo evoluir progressivamente, enquanto as palavras se tecem e a peça toma forma em frente dos nossos olhos.

O trabalho de vídeo realizado em *Débords* tem como ponto de partida os testemunhos dos bailarinos e dos espectadores entrevistados e representa um prolongamento do trabalho cinematográfico realizado em *histoire(s)* e em *Une introduction*.

A escrita cinematográfica articula-se em volta de diferentes questões ou eixos temáticos que se ligam à estrutura da peça original e que se revelam em parte nos discursos das testemunhas. Os testemunhos recolhidos são utili-

zados como matéria, aliando o carácter reprodutivo do cinema com a finitude das presenças dos bailarinos em cena, processo que estava já delineado em *histoire(s)*.

La Table Verte / A mesa verde

A *mesa verde* é vista por alguns como um libelo contra a guerra, por outros como uma denúncia da ascensão do fascismo. Inspirado numa dança macabra da Idade Média, este bailado foi grandemente influenciado pelo clima de antes da guerra e ficou célebre pelo seu empenhamento político e pela sua mensagem pacifista. Kurt Jooss denuncia os horrores da guerra e as suas consequências, através do destino das diferentes personagens, quase todas à mercê da Morte, personagem complexa e central da obra.

O prólogo e o epílogo desenrolam-se em torno de uma mesa verde, símbolo das negociações estereis dos homens do poder. A partir do segundo quadro,

a Morte torna-se a figura central do bailado contracenando com as suas vítimas.

A *mesa verde* nunca deixou de ser apresentada, desde a sua estreia em 1932 até hoje. A companhia de Jooss conservou o bailado no seu repertório até meados da década de sessenta, apresentando-a alguns milhares de vezes por todo o mundo. A primeira reposição foi feita em 1948, no Ballet Nacional do Chile, quando a companhia de Jooss ainda existia e continuava a apresentar o espetáculo.

A partir de 1964 o bailado começou a ser reposto regularmente por outras companhias. Entre 1964 e 2001 foram feitas setenta produções diferentes em todos os continentes.



Diário de bordo (extratos)

28 de fevereiro de 2012

Na sequência de um périplo que dura já há algum tempo e que me levou, com a cabeça cheia de perguntas, de Bruxelas a Paris, Mulhouse, Estrasburgo, Colónia, Amesterdão, Alkmaar, Antuérpia, Toulouse, Chemnitz, Bielefeld e Mandelieu la Napoule, ao pé de Cannes, estou prestes a partir para Londres e, se tudo correr bem, para Santiago do Chile...

23 de março de 2012

Marina Grut: Eis-me em Londres após uma curta estadia em Francoforte, uma viagem relâmpago a Crépy-en-Valois, uma ida, um encontro, uma entrevista fascinante, um regresso com a cabeça cheia de pensamentos – depois uma paragem em Bruxelas e hoje um encontro em Wimbledon, chegada de fresco de Bruxelas, os olhos ainda ensonados, os sacos de viagem cheios das minhas bugigangas (microfones, câmara e a parafernália do costume...). Amanhã vou tentar abrir uma janela sobre o ano de 1938... onde espero encontrar outro caminho...

24 de março de 2012

Ann Hutchinson Guest. Tão estranho como indefinido, o caminho descortinado hoje...

1 de maio de 2012

Paris Charles De Gaulle... o corpo aqui, a cabeça noutro sítio... entre Essen, Bruxelas e Santiago do Chile. Os olhos mergulhados na última entre-

vista até à data, feita a um compositor chileno, residente na Alemanha há sessenta anos; recordações muito precisas do seu primeiro contacto com *La Table (A Mesa)*, em 1940, no início da Segunda Guerra Mundial, depois o segundo contacto em 1948, no seu país natal... As suas palavras e a impressão de estar ainda a ouvir o seu ritmo lento e sacudido, necessário para expressar a emoção da memória nesta língua materna longínqua que partilhamos... Os meus pensamentos perdem-se entre estas suas palavras e aquelas que ainda não ouvi e que me esperam no sítio para onde vou...

“Por vezes um gesto poético pode tornar-se político e por vezes um gesto político pode tornar-se poético”, de Francis Alÿs, na cabeça.

7 de maio de 2012

Santiago. Céu esbranquiçado hoje, ar húmido e fresco. A cabeça cheia de palavras, os olhos de imagens, o coração cheio de emoções, daqui e de outros lugares, as das boas notícias que chegam do velho continente... A longa viagem seguida das deslocações de casa em casa, de pessoa em pessoa, nove entrevistados até agora, quatro hoje... Um trajeto através dos dias, de história em história, olhos abertos, olhos fechados, histórias de resistência, do exílio à fuga, da fuga ao regresso, do regresso à mudança, do político ao apolítico... por convicção, por ideologia, por reflexo de autoproteção... complexo, mas fascinante. E eu estou inebriada com as árvores magníficas desta cidade.

26 de junho de 2012

Tenho a cabeça cheia de palavras em diversas línguas que ressoam simultaneamente e se lançam contra as paredes do meu crânio, como moléculas ora hidrófilas ora hidrófobas, moléculas carregadas de um passado já bem cheio, quando a sua simples evocação as recarrega e comprime tudo o que precedeu o momento presente. Como se esse passado empurrasse todas essas palavras de que fui à procura para o presente e o momento atual fosse uma parede dura contra a qual essas palavras se esmagassem. Para aprender a escrever com as palavras dos outros.

29 de junho de 2012

Tecer com diferentes vozes uma narrativa cronológica que nos conte uma história, ou saltar de uma mini narrativa para outra, num tempo mais distendido, deixando os elementos passar de boca em boca, repetirem-se através de diferentes percepções, responderem uns aos outros?

Olga de Soto

Olga de Soto, coreógrafa, intérprete e investigadora em dança, nasceu em Espanha e reside em Bruxelas desde 1990. Após formação em dança clássica, dança contemporânea e música no seu país natal, na Escola Superior de Música e Dança, no Conservatório Superior de Música de Valência e em Madrid, formou-se na prestigiada escola do CNDC d'Angers, à época dirigida por Michel Reilhac.

Como intérprete trabalhou com Michèle Anne de Mey nos espetáculos *Trois danses hongroises de Brahms*, *Sinfonia Eroica e Châteaux en Espagne*; com Pierre Droulers, no espetáculo *Comme si on était leurs petits poucets* e no projeto *Thé dansant*, desenvolvido no Plateau, Bruxelas; com Claudio Bernardo, na criação de *Dilatatio*; com Felix Ruckert, no espetáculo *Hautnah!...*; fez parte dos artistas convidados do projeto de Meg Stuart *Crash Landing@ Leuven*. Nos últimos anos trabalhou com Boris Charmatz, no espetáculo *Con forts fleuve* e com Jérôme Bel durante mais de cinco anos como assistente e intérprete no espetáculo *The Show Must Go On*, apresentado em numerosos países.

O seu trabalho de criação, assente na pesquisa e na escrita coreográfica, inicia-se em 1992 com o solo *Patios*, realizado a partir da análise de quatro estudos para piano de Claude Debussy, apresentado no Festival Bellone-Brigittines, em Bruxelas, e depois programado em diversos países europeus.

Um ano depois cria o seu segundo

solo, *I believe that if I act... (...upon the dimension of time it will be difficult to find myself at the place where I am expected to be)*, na Noruega.

Em 1995 começa a experimentar outros formatos e cria o espetáculo *A destiempo* (no Bergen Internasjonale Teater, na Noruega) e a instalação *Sueño* (para o Parque Güell de Barcelona).

Uma parte do seu trabalho de pesquisa e de composição coreográfica foi realizado em diálogo com o estudo de obras musicais de compositores contemporâneos como Salvatore Sciarrino, Michael Jarrell, Kaija Saariaho, Stefano Scodanibbio, Frederic Rzewski, Denis Pousseur, etc., colaborando durante vários anos com o IRCAM, em Paris.

Em 1996, cria o dueto *Winnsboro Cotton Mill Blues*, no Centre de Développement Chorégraphique de Toulouse. Em 1997 cria o solo *Murmures*, no Festival de la Nouvelle danse d'Uzès e os duetos *Strumentale*, no Teatro Nacional de las Artes, Mexico DF, e *Seuls bruits des corps entre eux*, que é apresentado em conjunto com as três peças precedentes com o nome de *Paumes*, uma série de peças curtas que exploram diferentes relações com a música contemporânea, estreada em 1997 no Théâtre de la Balsamine, em Bruxelas.

Em 1999 cria *anarborescences*, no Théâtre de la Cité Internationale, em Paris; em 2001 *Eclats mats*, no Centre Pompidou; em 2004, *INCORPORER*, no Centre Pompidou, e *histoire(s)*, estreado no Kunstenfestivaldesarts, em Bruxelas. No mesmo ano inicia uma série de solos acompanhados que se desenrola

ao longo de cinco anos e que inclui a estreia de *INCORPORDER ce qui reste* no Centre Chorégraphique National de Franche-Comté à Belfort, em 2006, *INCORPORDER ce qui reste ici au cœur*, em 2007 na Biennale Charleroi / Danses 07, em Bruxelas, e *INCORPORDER ce qui reste ici au dans mon cœur*, no Centre Pompidou, em Paris, em 2009.

Em 2010, cria *Sous clé, performance*-instalação concebida para *House without a maid*, no âmbito do projeto de Jorge Leon e Simone Aughtlerlony *To Serve*, estreado no Kunstenfestivaldesarts, em Bruxelas, e *Une Introduction*, no Festival Tanz Im August, em Berlim. Em 2012 cria *Débords – Réflexions sur La Table Verte* no Festival Latitudes aux Halles, apresentado no mesmo ano no Festival d'Automne à Paris.

Há cerca de quinze anos que o trabalho de Olga de Soto se concentra no tema da «memória» e se desenvolve em dois eixos: o primeiro foca o estudo da memória corporal, presente em peças como *Murmures*, *Eclats mats* ou a série de solos acompanhados *INCORPORDER ce qui reste ici au dans mon cœur*; o segundo concentra-se na memória percetiva, a dos espectadores, como em *histoire(s)*, e também a dos bailarinos, como no presente espetáculo.

Atualmente Olga de Soto está em residência administrativa em La Raffinerie-Charleroi / Danses / Centre Chorégraphique de la Fédération Wallonie-Bruxelles.

Kurt Jooss (1901 – 1979)

Célebre bailarino e coreógrafo de origem alemã, Kurt Jooss é considerado uma figura emblemática da história da dança, criador de *A mesa verde* e cofundador da Escola Folkwang de Essen, viveiro da nova dança alemã do pós-guerra de onde saíram figuras como Pina Bausch e Suzanne Linke. É também reconhecido como um dos fundadores do Tanztheater (DançaTeatro).

O percurso de Kurt Jooss está intimamente ligado ao de Rudolf Laban, de quem foi aluno e intérprete na década de 1920, antes de fundar a sua própria companhia e a escola de Essen, em 1927. Em 1932, a sua obra *A mesa verde* ganha o primeiro prémio no concurso dos Archives Internationales de la Danse, organizado em Paris por Rolf de Maré, fundador dos Ballets Suédois. Em 1933, Jooss é intimado a despedir os judeus associados à sua companhia. Recusa-se e vê-se obrigado a fugir da Alemanha nazi, encontrando refúgio primeiro na Holanda e instalando-se depois no Dartington Hall, em Inglaterra. Aí, cria, com o seu colaborador de longa data Sigurd Leeder, a escola Jooss-Leeder. Em 1949 regressa a Essen para relançar o departamento de teatro e de dança da Escola Folkwang. A sua companhia é dissolvida em 1962. Mas ele prossegue uma carreira de coreógrafo com diversas companhias, até à sua morte em 1979.

Pessoas entrevistadas cujos testemunhos são apresentados no espetáculo *Débords* (pela ordem em que aparecem):

Marina Grut (bailarina, coreógrafa e historiadora da dança, nascida em 1934 em Calvinia, na África do Sul) – entrevistada na qualidade de espectadora de *A mesa verde*.

Viu *A mesa verde* pela primeira vez em 1975, na Cidade do Cabo, interpretada pela companhia CAPAB. Depois reviu o espetáculo várias vezes entre o final dos anos 70 e o final dos anos 90, na Europa e nos Estados Unidos, interpretado por diferentes companhias.

Ann Hitchinson-Guest (bailarina, anotadora e especialista internacionalmente reconhecida de Labanotation, nascida em 1918 em Nova Iorque) – entrevistada na qualidade de anotadora que realizou, em 1938, a primeira partitura de movimento de *A mesa verde*.

Viu *A mesa verde* pela primeira vez nos anos 30, em Inglaterra, durante a sua adolescência. Aluna de Kurt Jooss e Sigurd Leeder no Dartington Hall, de 1935 a 1938. No ano em que estava a terminar os seus estudos em Dartington, Kurt Jooss convidou-a a anotar *A mesa verde* no sistema de notação Laban (Labanotation), tornando-se o primeiro bailado complexo a ser anotado. Viria a anotar igualmente três outras obras de Jooss, *Big City*, *Bal dans le Vieux Vienne* e *Pavane*, as suas únicas obras que foram anotadas e que sobreviveram à passagem do tempo.

Christian Holder (bailarino, coreógrafo, pintor e cantor britânico, nascido em 1948) – entrevistado na qualidade de espectador de *A mesa verde* e de intérprete do papel de *A Morte* em *A mesa verde* durante cerca de quinze anos.

Viu *A mesa verde* pela primeira vez em 1967, em Nova Iorque, na altura da guerra do Vietname, interpretada pelo Joffrey Ballet quando tinha acabado de ingressar na companhia. O bailarino Maximiliano Zomosa decidiu ensinar-lhe o papel da *Morte*. Trabalha com Jooss e interpreta esse papel durante mais de quinze anos em diversas produções do Joffrey Ballet, do Teatro Regio de Turim, do Suomen Kansallisbaletti de Helsínquia, do Bühnen der Stadt / Aalto Ballet de Essen e do Louisville Ballet.

Joan Jara (bailarina, pedagoga e ativista política de origem britânica e nacionalidade chilena, nascida em Londres em 1927) – entrevistada na qualidade de espectadora de *A mesa verde*, e de bailarina dos Ballets Jooss que interpretou o papel de *A Guerrilheira*.

Viu *A mesa verde* pela primeira vez aos dezasseis anos, no Exmouth Market Theatre, em Londres, durante a Segunda Guerra Mundial, quando a cidade sofria os bombardeamentos do exército alemão. O encontro com esta obra mudou os seus planos para o futuro, levando-a a abandonar o curso de História na Universidade de Londres para se tornar bailarina, com o objetivo de dançar o papel de *A Guerrilheira*.

Nora Salvo (bailarina chilena, intérprete do papel de *A Guerrilheira*) – entrevistada na qualidade de bailarina que interpretou vários papéis em *A mesa verde*, nomeadamente o papel de *A Guerrilheira*.

Aluna de Ernst Uthoff e de Lola Botka, bailarinos na estreia de *A mesa verde* em 1932 em Paris e membros da companhia de Jooss, o Folkwang Tanztheater, e depois dos Ballets Jooss. Estudou na Escola Nacional de Dança do Chile e pertenceu ao Ballet Nacional do Chile, onde trabalhou durante mais de vinte anos. Trabalhou também durante muitos anos com Alejandro Jodorowsky.

Jeanne Brabants (bailarina, coreógrafa, diretora de companhia e pedagoga belga, figura fundamental da dança na Flandres, nascida em Antuérpia em 1920) – entrevistada na qualidade de aluna da escola Jooss-Leeder, no Dartington Hall, Inglaterra, e de espectadora de *A mesa verde*.

Jeanne Brabants viu *A mesa verde* pela primeira vez em Bruxelas, em meados dos anos 30, interpretada pelo Folkwang Theater.

Aluna de Lea Daan (método Laban) e de Olga Preobrajenska, pertenceu à escola Joos-Leeder, em Dartington Hall, onde estudou com Kurt Joos e Sigurd Leeder. Fundadora em 1963 do Ballet Real da Flandres, em Antuérpia, encomenda em 1973 a única produção de *A mesa verde*, realizada por uma companhia belga, que é dirigida pela filha de Jooss, Anna Markard.

Michèle Nadal (bailarina, atriz e investigadora em dança, especialista do sistema de notação Conté, nascida em Saigão – hoje Cidade de Hó-Chi-Minh – no Vietname, cerca de 1926) – entrevistada na qualidade de espectadora e bailarina, tendo dançado *A mesa verde*, estudado com Kurt Jooss e pertencido aos Ballets Jooss.

Viu *A mesa verde* pela primeira vez pouco depois do fim da Segunda Guerra Mundial, em Paris.

Hanns Stein (tenor judeu de nacionalidade chilena e de origem checa, nascido em Praga em 1927) – entrevistado na qualidade de espectador de *A mesa verde*.

Viu *A mesa verde* pela primeira vez em 1950, dançada pelo Ballet Nacional do Chile no Teatro Municipal de Santiago do Chile. Exilado do regime nazi com os seus pais e o seu irmão, ficou profundamente emocionado no seu primeiro contato com o espetáculo.

Andras Uthof (doutorado em economia, nascido em Santiago do Chile em 1948) – entrevistado na qualidade de espectador e filho de Ernst Uthof e Lola Botka, ambos bailarinos em *A mesa verde* aquando da sua estreia em Paris em 1932, membros da companhia Folkwang Tanztheater, colaboradores de Jooss durante muitos anos, exilados em Inglaterra e depois no Chile, fundadores da Escola Nacional de Dança do Chile em 1941 e do Ballet Nacional do Chile em 1945.

Não se recorda bem de quando viu *A mesa verde* pela primeira vez, mas crê

que devia ter dois anos e que terá sido a produção de 1950 do Ballet Nacional do Chile, de que o seu pai era diretor.

Edith del Campo (cenógrafa chilena, nascida em 1937) – entrevistada na qualidade de espectadora de *A mesa verde*.

Viu *A mesa verde* pela primeira vez em 1953, quando tinha cerca de dezasseis anos. A descoberta desta obra leva-a a estudar dança, embora decida pouco tempo depois dedicar-se à cenografia.

Philip Lansdale (bailarino, coreógrafo e pedagogo britânico, nascido em Hove, Inglaterra, em meados dos anos 50) – entrevistado na qualidade de bailarino de *A mesa verde*, tendo dançado o papel de *A Morte* e trabalhado com Kurt Jooss e com a sua filha Anna Markard.

Dançou o papel de *A Morte* na produção do Northern Dance Theatre Manchester, em 1974, e, como bailarino convidado, a produção da Batsheva Dance Company de 1975, em Tel Aviv.

Juan Allende-Blin (compositor chileno, nascido em Santiago do Chile em 1928, de família franco-espanhola) – entrevistado na qualidade de espectador.

Viu *A mesa verde* pela primeira vez em 1940, aos doze anos, em Santiago do Chile, interpretada pelos Ballets Jooss. Depois viu a primeira produção do Ballet Nacional do Chile, dirigida por Ernst Uthof, Lola Bothka e Kurt Jooss, em que Jooss dançou pela última vez o papel de *A Morte*. Em 1951 instalou-se em Essen, na Alemanha. Amigo e vizinho de Kurt Jooss e grande amigo de

Jean Cébron, que dançou durante mais de vinte anos o papel de *A Morte*.

Toer van Schayk (bailarino, coreógrafo, escultor e artista visual holandês, nascido em Amesterdão em 1936) – entrevistado na qualidade de bailarino que interpretou o papel de *A Morte* em *A mesa verde*, nas produções do Ballet Nacional da Holanda realizadas nos início dos anos 70, tendo trabalhado com Kurt Jooss e posteriormente com a sua filha, Anna Markard.

Fernando García (compositor, músico e musicólogo chileno, nascido em Santiago do Chile em 1930) – entrevistado na qualidade de espectador de *A mesa verde*, tendo visto as produções do Ballet Nacional do Chile de 1948, 1950 e seguintes.

Bruno Jacquín (coreógrafo e bailarino francês) – entrevistado na qualidade de bailarino que dançou o papel de *A Morte* em *A mesa verde* e trabalhou com Anna Markard, filha de Jooss.

Dançou a produção de *A mesa verde* de 1982 da companhia Tanzforum Köln, Colónia, de que foi solista durante muitos anos.

Jacqueline Challet-Haas (bailarina, pedagoga e anotadora francesa, nascida em 1934) – entrevistada na qualidade de espectadora da obra, estudante em Essen e anotadora.

Aluna de Jooss na Folkwangschule de Essen, recorda-se de ver *A mesa verde* sobretudo em ensaios.

Gerd Zacher (compositor e organista alemão, nascido em 1929 em Meppen, especialista de música contemporânea) – entrevistado na qualidade de espectador de *A mesa verde*.

Viu *A mesa verde* pela primeira vez em Santiago do Chile, em 1948.

Jeanette Vondersaar (bailarina americana e assistente de Anna Markard durante dez anos) – entrevistada na qualidade de espectadora e intérprete de *A mesa verde* e de assistente de Anna Markard.

Viu *A mesa verde* pela primeira vez em 1967 no City Center, em Nova Iorque, na primeira produção da obra pelo Joffrey Ballet, quando estudava na Harkness Ballet School. Dançou todas as produções do Ballet Nacional da Holanda, entre 1978 e 1991. No final dos anos 90, torna-se assistente de Anna Markard, filha de Jooss, com quem colabora durante mais de dez anos. É responsável pela remontagem de *A mesa verde* a partir da morte de Anna Markard em 2010.

Françoise Duppy (bailarina e coreógrafa francesa, figura de proa da dança contemporânea em França, nascida em 1925) – entrevistada na qualidade de espectadora de *A mesa verde*.

Viu *A mesa verde*, interpretada pelos Ballets Jooss, em 1934, em Lyon, quando era criança. Saiu do espetáculo decidida a tornar-se coreógrafa.

Próximo espetáculo

HEROIN

HEROÍNA de THEATREclub
Festival de Almada

Teatro Ter 16, qua 17, qui 18 julho
Palco do Grande Auditório · 21h30
Duração 1h30 · M16



© Barbara Cieslar

Encenação Grace Dyas **Com** Barry O'Connor, Gerard Kelly e Lauren Larkin **Cenografia** Doireann Coady **Luz** Eoin Winning **Figurinos** Emma Fraser **Produtor** Shane Byrne **Diretor de cena** Tom Mullan **Colaboração** Equipa de Droga da Comunidade do Rialto, Graham Ryall, Rachel Keogh e o seu livro *Dying To Survive*, Tony May, Conor Cillian Madden e Ryan O'Connor **Apoio** Programa CREATE, The Arts Council of Ireland, Dublin City Council **Estreia** 11 de setembro de 2010, Dublin Fringe Festival

HEROIN é a história que nunca vos contaram sobre a nova república, a pessoa que nunca viram, o que construíram e depois deitaram abaixo. É aquela grande, aquela má, aquela que nunca pensaram experimentar.

HEROIN é um espetáculo radical sobre como viemos aqui parar, e quanto nos importamos. É tudo aquilo que alguma vez nos aconteceu, as palavras nunca ditas e a chapada que nos deram

aqueles em quem votámos. Esta peça de Grace Dyas para a jovem e premiada companhia THEATREclub é uma explosão da história social da heroína na Irlanda ao longo dos últimos quarenta anos.

Antes de começar o processo de criação de *HEROIN*, levei a cabo um enorme projecto de pesquisa e desenvolvimento. (...) Decidi fazê-lo antes de qualquer tentativa de trabalhar o espetáculo, porque estava aterrorizada. O assunto era enorme, e parecia enorme. (...)

Comecei a criar uma peça com o Grupo de Homens da Equipa de Droga da Comunidade do Rialto. Eles queriam fazer uma peça sobre a linguagem de rua. Como esconder o que estás a dizer. Fizemos um acordo. Se eu os ajudasse com a peça deles, eles ajudavam-me com a minha.

Grace Dyas

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Estagiárias:

Luísa Fonseca

Patrícia Carvalho

Raquel Oliveira

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiária:

Mafalda Munhá

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino
(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Álvaro Coelho

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Graça Fonseca

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
